



## **SOBRE IDENTIDADE E INTERCULTURALIDADE NA POS-COLONIZAÇÃO: COLETIVO DE AÇÃO E INVESTIGAÇÃO (ID-CAI)**

Madalena Zaccara. UFPE

**RESUMO:** O texto trata das ações do Movimento Intercultural “Identities” que se manifesta através do Coletivo de Ação e Investigação (ID-CAI) da Universidade de Porto, Portugal. A arte relacional praticada pelo coletivo inscreve-se entre as práticas artístico/culturais que possibilitam ações que visam provocar resistência à uniformização de comportamentos artísticos, construindo um discurso alternativo e encorajador da prática política da arte contemporânea. Através de uma perspectiva intercultural, ele busca a ação e a intervenção política em contextos onde as populações se envolvem no seu próprio desenvolvimento invocando para o artista como criação o seu envolvimento com o mundo. O interesse no coletivo faz parte de uma pesquisa maior desenvolvida pelo autor intitulada: Artes Visuais no Nordeste: relações multiculturais.

**Palavras – chave:** Arte no Nordeste. Identidade. Interculturalidade.

**ABSTRACT:** *The text deals with the actions of Intercultural Movement "Identities" manifested through Collective Action and Research (ID-CAI), University of Porto, Portugal. The relational art practiced by the group falls between artistic practices / cultural enable actions aimed at causing resistance to standardization of artistic behaviors, constructing an alternative discourse and encouraging political practice of contemporary art. Through an intercultural perspective, he seeks action and political intervention in contexts where people engage in their own development as invoking the artist creating his involvement with the world. The interest in the collective is part of a larger research developed by the author entitled: Visual Arts in Northeast: multicultural relations.*

**Key words:** *Art in the Northeast. Identity. Interculturalism.*

Sabemos que as novas formas de soberania capitalista desenham, na contemporaneidade, a cartografia do poder econômico e cultural onde as situações não se organizam mais segundo um ponto de vista central, mas através de um sistema de redes, uma teia multicêntrica que defende (e impõe) a idéia de que centro e periferia são idealizações homogêneas. Nada fugiria a essa condição, muito menos a arte como expressão de uma cultura. Temos cerca de vinte anos de reflexões sobre o “outro” e sua sobrevivência, sobre o centro versus margens e a consciência de que a bandeira identitária anticolonialista perdeu sua simplicidade inicial que nos dividia em apocalípticos ou em integrados na, já clássica, colocação de Umberto Eco (1965). No contexto atual os esforços contra uma espécie de

amnésia coletiva por parte das ditas margens trazem uma esperança alternativa e certa noção de solidariedade entre as nações do eixo Norte/Sul.

Para além da idéia binária que nos envolveu (e envolve ainda) de dominador/dominado proveniente de uma colonização mercantilista e, posteriormente, de uma ideologia neoliberal e de uma realidade econômica internacional, a discutida globalização poderia, portanto, conter uma dinâmica de retorno onde as margens poderiam encontrar o centro? Para Canclini (1995) parece possível. Essa globalização traria em seu bojo uma dimensão onde a mestiçagem de culturas e o seu potencial de hibridismo desfaria a lógica e o poder do Estado. Esses processos de hibridização cultural seriam, pois, tão intensos que mobilizariam a construção de novas identidades bem como o reconhecimento e a valorização das diferenças culturais apesar da consciência das relações de poder.

Produto das considerações das ciências sociais na década de 1980, o pós-colonialismo tem na obra de Frantz Fanon *Os condenados da terra* (1961) um de seus pilares fundamentais. Fanon nos diz que a principal arma do colonizador era a imposição da imagem que eles concebiam dos colonizados sobre os povos subjugados. Para libertar-se era necessário expurgar essa imagem autodepreciativa, libertar-se do espelho imposto. Já Charles Taylor em *Multiculturalism and The Politics of Recognition*, (1992) afirma que o reconhecimento público completo de cidadãos iguais pode exigir duas formas de respeito: primeiro, o respeito pelas identidades únicas de cada indivíduo, independente do sexo, raça ou etnia e, segundo, respeito pelas atividades práticas e maneiras de ver o mundo. Para Marc Jimenez (2009) o contexto cultural atual globalizado tende a absorver tudo que tente se opor a um mecanismo institucional mediático e mercantil. Teóricos, em tempos diversos, reconhecem e denunciam a existência de práticas culturais hegemônicas que excluem as periféricas inclusive no que diz respeito à sua identidade cultural. Poder-se-ia, insisto, mudar a dinâmica do *mainstream*?

Na tela da moderna Tarsila do Amaral *Os operários* (fig. 1), o objetivo é sensibilizar o público às questões sociais. Provocar, questionar, parece ter sido o objetivo da artista, inclusive quando ela inclui entre os operários, na tela, figuras do meio intelectual, afinal, diz Tarsila: todos eles são operários, todos nós somos operários.

Eles (os operários) perfilam-se para a fumaça onipresente e onipotente das fábricas. Anônimos, mestiços, eles são o “outro” estabelecido pela assimetria do poder. O poder representado pela fábrica. A artista os pinta: dominadores e dominados. Com essa ação ela denuncia, politiza, questiona essas fileiras de cabeças humanas pintadas em cores quentes, mestiças, aparentemente conformadas, como se uma grade invisível os contivesse contra o fundo feito pelas chaminés das fábricas que os engolem a cada amanhecer e os vomitam no fim do dia. É possível, já nesse momento, se perceber uma conexão explícita entre estética e política.

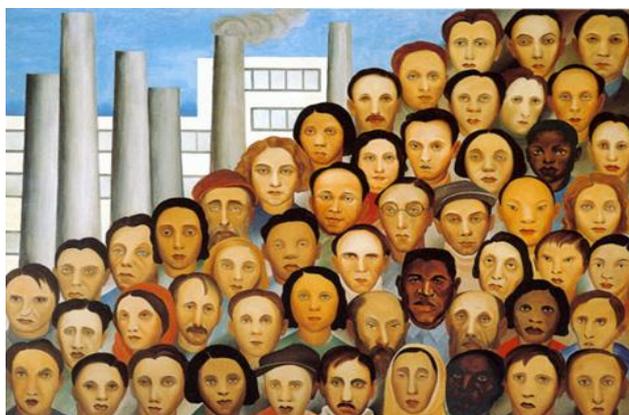


Fig.1. Tarsila do Amaral. *Operários*. Óleo sobre tela, 1924.

Vários fatos modelam o meio artístico depois de quase um século. A internacionalização do mercado de arte, a afirmação cultural e artística regional, a profissionalização e estatização do meio artístico. A discutida pós-modernidade opera uma junção entre a arte e o social e a política de forma bem mais estreita que durante o modernismo. Sua proposição de integração da arte e da vida possibilita uma produção artística contemporânea que evoca certa dimensão social ou política.

Na atual configuração do universo das artes visuais artistas ou grupos de artistas se inserem em um universo múltiplo de práticas que, dentro de um circuito micro-político, faz frente à estética macro-política dominante. Sua ação interfere em todos os aspectos da vida cotidiana. Não basta mais representar os operários e sua condição oprimida. É necessário interferir na vida destes operários. Arte e política, desta forma, entram em processo de fusão e instauram outro tipo de poder a partir da resistência sob as mais variadas formas. Contra uma visão centralista as diversas

periferias – geográficas ou disciplinares – trabalham resistindo à ditadura do *mainstream*.

A arte relacional praticada pelo coletivo português *Identidades Coletivo de Ação e Investigação* inscreve-se entre essas práticas artístico/culturais em ações de caráter micro-políticas. O seu interesse pós-colonial e intercultural, pelo outro implica na idéia de uma produção artística que tem identidade e alteridade, como matéria prima e que necessita do apoio da antropologia, sociologia, política, direito e demais ciências para ajudar na sua conceituação e ação. A sua reflexão/ação descolonizadora não está mais sujeita ao olhar contemplativo/cúmplice do espectador. Ela existe em sintonia com outras atividades da existência humana. Traz em sua gênese um novo mapa global que inclui geografias e interesses diversos.

A história da relação entre arte e política é o ponto crucial da sua ação que se processa através de uma perspectiva baseada em uma relação de interculturalidade. O grupo promove uma negociação artística, política, cultural que não se baseia nos legados eurocêntricos, mas se orienta em função da construção de uma sociedade plural e emancipada. Seus membros são artistas que mergulham no campo ampliado da criatividade onde arte e política relacionam-se a uma integração do fazer artístico ao agir social.

Nicolas Bourriaud teorizou a proposta de uma arte ligada a uma estética relacional que cria diferença no consenso legitimado de mundo. Uma estética que se pauta em função das relações inter-humanas que elas figuram, produzem ou criam. O mundo da arte e da vida está cada vez mais fundido e a estética, como ciência do sensível, está em consonância com esse novo olhar: « uma mesa de montagem alternativa que perturba, reorganiza ou insere as formas sociais em enredos originais” (BOURRIAUD, 2009, p.83).

Talvez a melhor definição da prática artística intercultural traga em si o conceito de utopia. A utopia permite outro lugar, ela quer outro lugar. Ela reflete um questionamento crítico da ordem existente e abriga a idéia de outro território humano possível. Ela poderia, portanto, supor e propor a revisão da mecânica ocidental universalista através de uma interculturalidade baseada em trocas em que a

solidariedade e a participação não se limitem ao contexto colonialista anterior. Para Catherine Walsh (apud CANDAU, Vera Maria, 2008):

O conceito de interculturalidade é central à (re) construção de um pensamento crítico – outro - um pensamento crítico de/desde outro modo, precisamente por três razões principais: primeiro porque está vivido e pensado desde a experiência vivida da colonialidade (...); segundo porque reflete um pensamento não baseado nos legados eurocêntricos ou da modernidade e, em terceiro, porque tem sua origem no sul, dando assim uma volta à geopolítica dominante do conhecimento que tem tido seu centro no norte global.

A prática do coletivo *Identidades*, apesar de ter origem no norte hegemônico foge a qualquer visão colonialista. Além disso, ela proporciona uma (re) conceitualização da palavra utopia: uma atualização de sentido. Ela torna-se uma práxis possível através de um processo de comunicação entre culturas diversas em condições de respeito; de um intercâmbio construído entre pessoas, saberes e práticas culturalmente diferentes buscando um novo sentido nas suas diferenças; de uma negociação onde os conflitos de poder são confrontados gerando ações conscientes. O *Identidades* propõe uma utopia realizável. E necessária, pois, afinal, a sua ausência em qualquer momento, inclusive no que vivemos, é uma falha social. Uma falha para com a esperança.

A liberdade conceitual, imaginativa e perceptiva de uma prática artística dita utópica pode abrigar um sonho que acontece para além das servidões e uma promessa de reconciliação com o humano em sua expressão maior. Sua proposta encontra-se para além das múltiplas grades com as quais o capital burocratiza e regula a arte incidindo em sua produção. Afinal, a arte oferece a melhor alternativa conhecida a esse mundo infeliz.

É, portanto, trabalhando no intervalo, pós – colonial e micro-político, que o movimento intercultural *Identidades* se manifesta através do Coletivo de Ação e Investigação (ID-CAI) estabelecendo sua ação artística. Atuando em comunidades isoladas - em um tempo no qual a universalização das mídias gera uma fusão conceitual atrelada à realidade de um mercado mundial de arte limitando a produção artística às normas estéticas e ideológicas do circuito euro-americano – ele, o movimento, mobiliza, já há 16 anos, artistas, professores e estudantes de arte que, fora do seu espaço de conforto buscam, através da reflexão partilhada, interagir em três espaços sociais de língua e colonização portuguesas. A partir de Porto, como já

foi dito anteriormente, ele se relaciona com Moçambique, Cabo Verde e Conceição das Crioulas (fig. 2), comunidade quilombola de Pernambuco, Nordeste do Brasil.



Fig. 2. Conceição das Crioulas. Salgueiro PE

Ao tomar comunidades com tais características como campo de desenvolvimento para uma proposta de educação intercultural que visa a desconstrução da subalternidade, o coletivo pretende encontrar outras modulações para as oposições binárias entre periferia e centro, atrasado e desenvolvido, subalterno e dominante, popular e acadêmico que possibilite relações de reciprocidade e dialogicidade. A proposta do coletivo vincula-se ao resgate dos processos de construção das identidades culturais, suas histórias de vida contadas, narradas, reconhecidas e valorizadas operando um conceito dinâmico de cultura e evitando a visão de uma cultura como um universo fechado numa busca do “puro», do “autêntico”, do “genuíno”.

A proposta do movimento *Identidades* não se volta para intervenções artísticas no sentido mais clássico que estas intervenções assumem ou para a produção de objetos artísticos. Ele busca a ação e a intervenção política em contextos onde as populações se envolvem no seu próprio desenvolvimento (PAIVA, 2011), invocando para o artista como criação o seu envolvimento com o mundo.

Na fluidez das fronteiras processa-se, portanto, o debate teórico da arte produzida/provocada pelo coletivo ID-CAI. O artista torna-se um mediador social ou um etnógrafo de micro-estratégias que ativa um convívio que Hall Foster (2005) situa

como arte etnográfica a partir da qual questões caras à antropologia tais como identidade e comunidade ou contexto e interdisciplinaridade são apropriados pelos artistas atuantes. Como linguagem eles privilegiam o Vídeo ou a Web; como partilha de informações o coletivo age através de oficinas artísticas voltadas para as populações e que têm lugar no espaço público funcionando como método de procura de novas soluções. (PAIVA, 2011)

A arte relacional praticada pelo coletivo inscreve-se entre as práticas artístico/culturais que possibilitarão ações que visam provocar resistência à uniformização de comportamentos artísticos construindo assim um discurso alternativo e encorajador da prática política da arte contemporânea. Fazer arte a partir de uma visão mais generosa, mais sensata e mais ética. A arte funciona assim como o último reservatório do imaginário a escapar de ser incorporado/apropriado pelo sistema que hoje serve ao capitalismo neoliberal.

O coletivo ID-CAI é, portanto, a ação para além das teorizações dos últimos vinte anos. Nas palavras do coordenador do grupo José Carlos de Paiva (2011) o que diferencia a ação do coletivo da política social é que «a ação artística não prepara nenhum amanhã, lida com o que habita em cada um, amplia a capacidade de admiração, de atenção, de reflexão». O coletivo ID-CAI entrou e passou a agir na tela de Tarsila do Amaral.

## REFERÊNCIAS

BENICHOU, M. **Le Multiculturalisme**. Paris: Breal, 2006.

BERTHET, Dominique. **Vers une esthétique du Métissage**. Paris: l'Harmattan, 2002

BORRIAUD, Nicolas. **Estética Relacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CANDAU, Vera Maria. **Direitos Humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença**. In: Revista Brasileira de Educação v.13,n.37,2008.

DELEUZE, Gilles, GUATARI Félix. **Capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 2004.

CANCLINI, Garcia Nestor. **Consumidores Y ciudadanos. Conflictos multiculturales de globalización**. Mexico: Grijalbo,1995.

CARANI, Marie. **Des lieux de memoire : identité et culture modernes au Québec 1930-1960**. Ottawa : Les presses de l'université d'Ottawa, 1995

CHETETHAM, Mark A. **La memoire postmoderne : essai sur l'art canadienne contemporain**. Montréal : Liber, 1992.

DURAND, Guy Sioui. **Resistance : chocs et résilience in Inter Art Actuel**. Québec : Les éditions Intervention, 2009, n.102.

DURAND, Gilbert. **Les Structures Anthropologiques de l'Imaginaire**. Paris: Dunod, 2006.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**. Barcelona : Lumen, 1965.

FANON, Frantz. **Les Damnés de la Terre** .Paris: Editions Maspéro,1961.

FOSTER, Hal. **O artista como etnógrafo**. In: *Arte & Ensaios*. N.12. Rio de Janeiro: PPGAV EBA/UFRJ, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro DP&A Editora, 2006.

JAMESON, Fredric. **Conflictos Interdisciplinares em la investigación sobre cultura in Alteridades**.n. 5.México,1993 pp.93-117.

JIMENEZ, Marc. **A estética como resistência**. In: **Mestiçagens na arte contemporânea**. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007.

\_\_\_\_\_. **Sur quelques défis de la Philosophie et de l'esthétique contemporaines à l'ère de la mondialisation in Inter Art Actuel Résistance et integration à l'ère de la globalisation**. Quebec: Les Éditions Intervention, 2009.

LAMOREAUX , Eve. **Art et Politique : nouvelles formes d'engagement artistique au Québec**. Montréal : écosociété, 2009.

NOUSS. Alexis. **Plaidoyer pour un monde Métis**. Paris : les éditions textuels, 2005.

PAIVA, José Carlos de. **No sertão de Pernambuco à procura de uma linguagem nítida do descontentamento como artistas saboreando munguzá...** In: PAIVA, Carlos José; MARTINS, Catarina [org.]. **Investigar a partir da ação intercultural: ID-CAI, Colectivo de Acção e Investigação**. Porto: Gesto,2011.

TAYLOR, Charles. **Multiculturalism and The Politics of Recognition**. Princeton University Press, 1992.

ZACCARA, Madalena. **Reflexões sobre identidade, periferia e o sistema de internacionalização da arte contemporânea**. In: SILVA, Maria Betânia; WILNER, Renata; ZACCARA, Madalena [org.]. **Arte Cultura e Memória**. Recife: Editora da Universidade Federal de Pernambuco,2012.

\_\_\_\_\_. **Artes Visuais, política e identidade: um estudo de caso em Recife e Quebec**. In: ZACCARA, Madalena; MARQUES, Livia [org.]. **Paisagens Plurais: Artes Visuais & Transversalidades**. Recife: Editora da Universidade Federal de Pernambuco, 2012.

**Madalena Zaccara**

Doutora em História da Arte pela Université Toulouse II; Professora Associada do Departamento de Teoria da Arte e Expressão Artística da Universidade Federal de Pernambuco; Coordenadora do Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais UFPE-UFPA; membro do Comitê de Teoria e História da Associação Nacional dos Pesquisadores de Artes Plásticas (ANPAP); Líder do Grupo de Pesquisa *Arte, Cultura e Memória*. Tem vários livros e artigos publicados.